











<b>PSI-20</b> Índice: Portugal	<b>IBEX</b> Índice: Espanha	<b>S&amp;P 500</b> Índice: EUA	<b>NASDAQ</b> Índice: EUA	<b>DOW JONES</b> Índice: EUA	<b>DAX</b> Índice: Alemanha	<b>FOOTSIE</b> Índice: Inglaterra	<b>EURO/DÓLAR</b> Taxa de câmbio	<b>YIELD 10 ANOS</b> Obrigação do Tesouro	<b>YIELD 10 ANOS</b> "Bund" (OT) alemão
									
<b>1,94%</b> Desde o início do ano: -34,07%	<b>3,11%</b> Desde o início do ano: -24,39%	<b>2,45%</b> Desde o início do ano: -15,30%	<b>2,60%</b> Desde o início do ano: -14,30%	<b>2,48%</b> Desde o início do ano: -15,21%	<b>2,91%</b> Desde o início do ano: -22,16%	<b>2,50%</b> Desde o início do ano: -16,96%	<b>0,98%</b> Desde o início do ano: -1,60%	<b>4,570%</b> Desde o início do ano: 2p.b.	<b>4,281%</b> Desde o início do ano: -13p.b.

# Subsídios impedem que “ouro negro” volte aos preços antigos

**Filipe Paiva Cardoso**  
filipecardoso@mediafin.pt

O aumento do consumo de bens derivados do petróleo que continua a registar-se nas economias emergentes, graças ao crescimento do total de consumidores nestes mesmos mercados, deverá impedir que o petróleo volte a níveis de “outros tempos”, ou mesmo aos 50 dólares de 2007, e que a quebra no preço por barril não chegue aos 80 dólares. A “culpa” é dos países onde os preços são subsidiados, já que é precisamente este ponto que está a provocar a falha no “ciclo” normal.

Segundo aponta o “BP Statistical Review of World Energy 2007”, ontem apresentado pela BP Portugal, “o consumo global cresceu nos países com preços subsidiados”, sendo que “os consumidores onde os preços são livres e os derivados do petróleo são taxados, foram os primeiros a sofrer as consequências”. Isto provocou que os países da OCDE registassem o pior declínio no consumo desde 1993 mas que “em contraste o consumo na não-OCDE” crescesse 1,4 mi-

lhões de barris/dia, “bem acima da média dos últimos 10 anos”.

Ora, explica a BP, se noutras crises petrolíferas o aumento do preço do barril era depois “contrariado” pelo abrandamento do consumo, já que a procura era gerada pelas economias mais avançadas, respondendo assim a normalidade, agora tal não está a acontecer precisamente porque o “novo” consu-

mo vem de países onde os combustíveis, e outros derivados do petróleo, são subsidiados pelo Estado. O que evita, assim, que o consumidor sinta que o petróleo está caro e que haja uma retracção no consumo.

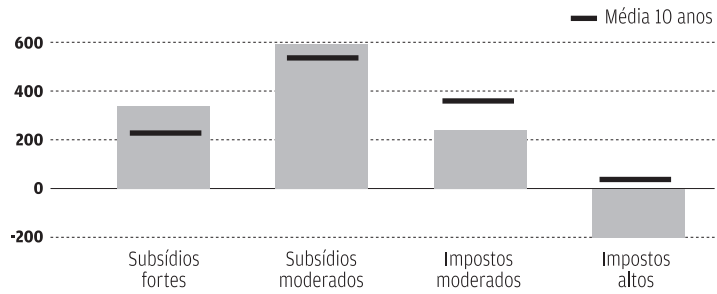
Esta situação levou a que “estijamos a viver o maior ciclo de crescimento do preço, que já vai em seis anos consecutivos, o maior desde 1861”, explicou António Comprido,

do, presidente da BP Portugal. O mesmo responsável lembrou que “há 10 anos o barril estava nos 11 dólares”, sublinhando que a sua empresa “não acredita em quedas muito significativas no preço do petróleo” que, antecipa, “deve estabilizar entre os 80 e os 100 dólares, não menos que isso”.

Já do lado da oferta, aponta a BP, o aumento da produção decretada pela OPEP em Novembro de 2007, “foi neutralizado por trabalhos de manutenção no Abu Dhabi e por interrupções nos fornecimentos na Nigéria”, sendo que a ligeira baixa do barril sentida recentemente se deverá “ao aumento da produção média da OPEP”, que superou em 850 mil barris/dia a média de Janeiro-Abril de 2007.

## Evolução do consumo varia conforme os subsídios e impostos

Nações com combustível subsidiado não sentiram a crise e continuam a pressionar o preço do petróleo.



A BP dividiu a evolução do consumo em quatro grupos de países. A barra mostra a evolução da procura no último ano, em comparação com a média dos últimos 10 anos (o traço preto) nos mesmos países. Com a divisão é notório que o aumento da procura actual está a ser impulsionado pelos países onde estes bens são subsidiados (China, Índia, Indonésia...) e que, por essa razão, o consumo não deverá abrandar já que os consumidores não sentem os aumentos dos preços.

Fonte: BP Statistical Review of World Energy 2008.

**€5**  
**Gasóleo**  
Desde o início do ano  
está mais caro encher  
um depósito de 50 litros.

**€170M**  
**Custo do ‘stock’**  
Para a BP, o custo com  
110 dias de “stocks”  
ascende a 170 milhões.

## Taxa “Robin dos Bosques” compromete investimento e “hipoteca o futuro”

O presidente da BP Portugal, António Comprido, considerou ontem que a aplicação da denominada taxa “Robin dos Bosques” sobre as petrolíferas apenas serve para “hipotecar o futuro”, já que os montantes que serão retirados por esta nova taxa sairão dos fundos previsto pelas empresas para investimento. “O capital que geramos tem três destinos: os accionistas, os impostos e o investimento e naturalmente que se há mais impostos, o investimento será sacrificado” explicou.

“O consumo vai continuar a subir, logo é preciso investir cada vez mais na área energética, logo tudo o que impede investimentos hipoteca o futuro” sublinhou, durante a conferência de imprensa de apresentação do “BP Statistical Review of World Energy”.

Ainda segundo o mesmo res-



**Se o Governo lança um imposto assim, levará as empresas a pensarem duas vezes antes de investirem no País.**

**António Comprido**  
Presidente BP Portugal

ponsável, a “Robin dos Bosques” não é mais do que uma “medida ad hoc” que não serve os interesses de ninguém, já que demonstra “instabilidade” e, “se um Governo lança impostos assim, levará as empresas a pensarem duas vezes antes de investirem no país”, já que recearão a curto-prazo também serem alvo de medidas “ad hoc”. “Além disso e quando a indústria registar menos-valias, farão alguma coisa?” questionou António Comprido.

A taxa “Robin dos Bosques”, recorde-se, nasceu em Itália e visa tributar a parcela dos lucros que as petrolíferas registam graças ao aumento dos preços do petróleo.

O líder da BP Portugal aproveitou ainda para recordar que “as petrolíferas são obrigadas por lei a terem em ‘stock’ reservas para 110 dias de combustível”, o que lhes

acarreta um custo financeiro a rondar os 170 milhões de euros – já que é “mercadoria” parada – além “dos custos do armazenamento”. Obrigação legal pela qual, garante, ninguém as compensa.

### Líder da BP de saída

Durante a conferência de imprensa de apresentação do relatório da BP, António Comprido aproveitou também para anunciar que está prestes a ser substituído no cargo por José Serrano Gordo depois de 20 anos na empresa, nove dos quais à frente da petrolífera.

“É a altura ideal para fechar um ciclo” referiu o gestor de 62 anos, que será no final do corrente mês substituído pelo actual responsável pelo negócio de combustíveis da BP Portugal, que também actua no gás, lubrificantes e aviação. **FPC**